



SIGMUND FREUD E A PRIMEIRA TÓPICA DO APARELHO PSÍQUICO: REDESCOBRINDO O DINAMISMO MENTAL

Henrique Breviglieri¹

RESUMO: durante a trajetória de desenvolvimento da psicanálise de Sigmund Freud, o autor elaborou duas “tópicas” do aparelho ou do instrumento psíquico. A primeira tópica, alvo deste trabalho, reformulou a compreensão sobre o psiquismo humano ao evocar similaridades e peculiaridades do aparato psíquico quando comparado a outros sistemas orgânicos. Este trabalho tem como objetivo “desconstruir” algumas compreensões que se tornaram altamente consolidadas nas comunidades científica, filosófica e do senso comum, para expor, do modo mais inteligível alcançado, a topografia e o dinamismo psíquicos como Freud os esboçou em seus primeiros trabalhos psicanalíticos. Ademais, busca-se, também: 1) realizar uma aproximação teórica ao objeto principal da psicanálise: o Inconsciente; 2) expor as principais formas de manifestação ou vias de acesso a este sistema ou instância psíquica; 3) demonstrar como o Inconsciente, para Freud e para a comunidade psicanalítica, é a verdadeira “realidade” psíquica, que merece os esforços dos investigadores interessados. Para alcançar estes objetivos, foi utilizado o método de revisão bibliográfica, com a contribuição primordial dos escritos de Freud, de psicanalistas pós-freudianos, como Jacques Lacan, e de comentaristas especializados em psicanálise. Ao termo da investigação, concluiu-se que a psique funciona de acordo com os mesmos princípios que regem outros sistemas orgânicos, no entanto, de modo mais complexo. Na extremidade inicial do instrumento psíquico, o Sistema Perceptual (P) recebe a afluência de estímulos, elevando o *quantum* de energia psíquica (libido) e, conseqüentemente, aumentando a tensão psíquica. Na extremidade final, o Sistema de Motilidade (M) deve executar uma ação, modificando o estado interno psíquico, para que este *quantum* libidinal seja reduzido, diminuindo, também, a tensão psíquica. Este seria o “Princípio do Prazer-Desprazer” (elevação e redução da tensão psíquica) e a base dos “Processos Primários”. Contudo, pelos fatores de o Homem ser educado em uma cultura dentro de um estado civil e, deste modo, ser um ser ético que introjeta limites, normas e leis que impedem a ação irrepreensível de realização do prazer, existem instâncias ou sistemas mnêmicos intermediários entre o Perceptual e o de Motilidade, são eles: o Inconsciente, o Pré-Consciente e a Consciência. Estes sistemas intermediários possuem um funcionamento peculiar que tornou a psicanálise o que ela é hoje. Todo o material

¹ Bacharelado e licenciando em psicologia pelo Centro Universitário Municipal de Franca (Uni-FACEF) e licenciando em filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (polo Batatais, SP).

psíquico, após ser estímulo sensorial que chega ao Sistema Perceptual, é convertido em representações do primeiro sistema intermediário – o Inconsciente. Para que estas representações cheguem ao sistema intermediário central, o Pré-Consciente, elas enfrentam o crivo da Censura e dos Processos Secundários, submetidos ao Princípio da Realidade. Do Pré-Consciente à Consciência, não há necessidade de dispêndio de energia e modificações, pois as representações do primeiro estão “disponíveis” à segunda. Contudo, muitas representações do Inconsciente não passam pelo crivo da censura, não alcançando o Pré-Consciente para se tornarem acessíveis à Consciência, sofrendo recalçamento. Este material recalçado, não raro, irá se manifestar ao sujeito através de modos de regressão: parapraxias, chistes, sintomas e sonhos.

Palavras-chave: Sigmund Freud; Psicanálise; Primeira tópica do aparelho psíquico; Inconsciente.

Introdução



O trabalho de Sigmund Freud (1856-1939) é do mais alto valor filosófico e científico. A sua contribuição operou uma verdadeira mudança de paradigma na compreensão do Homem e de sua psique. Ao evocar o dinamismo psíquico através do esboço de uma topografia psíquica, ele conseguiu expor mecanismos comuns a outros sistemas orgânicos que perpassam o funcionamento psíquico, acrescentando, contudo, processos complexos e diferenciados que tornam a mente humana tão sublime.

Freud elaborou duas “tópicas” do aparelho ou do instrumento psíquico durante o desenvolvimento da psicanálise. Neste texto, será analisada, com maior riqueza de detalhes, a primeira delas. Esta tópica, além de explicar o dinamismo psíquico enquadrando-o em leis que regem outros sistemas corporais, principalmente neurofisiológicos, evoca, pela primeira vez, o Inconsciente como sistema ou instância psíquica, retirando o conceito do campo das predicções, atributos ou adjetivos (processos inconscientes) e colocando-o em campo substancial e substantivo, adquirindo o status de realidade psíquica por excelência e tornando-se alvo de todos os esforços da psicanálise.

Este trabalho tem como objetivo “desconstruir” algumas compreensões que se tornaram altamente consolidadas nas comunidades científica, filosófica e do senso comum, para expor, do modo mais inteligível alcançado, a topografia e o dinamismo psíquicos como Freud os esboçou em seus primeiros trabalhos psicanalíticos.

A primeira tópica do aparelho ou do instrumento psíquico

É comum dentro da comunidade psicanalítica que se tenha a compreensão da primeira tópica do aparelho ou do instrumento psíquico como um aparato dividido em três instâncias ou sistemas: “Inconsciente” (Ics), “Pré-Consciente” (Pcs) e “Consciência” (Cs). Contudo, Freud (2018a) faz uma exposição descritiva e topográfica do aparelho psíquico, a princípio, com a divisão em dois sistemas mais abrangentes, localizados nas extremidades deste aparelho, que representam o dinamismo primário psíquico: “Sistema Perceptual” (P) e “Sistema de Motilidade (M)”.

Como aponta Nasio (1995), a “lógica da psicanálise” assemelha-se ao “arco-reflexo” da neurofisiologia: entre um estímulo ambiental incidido sobre o organismo e a resposta deste, há uma elevação de tensão, sendo que a resposta irá reduzir o nível tensional, constituindo a totalidade do reflexo (relação que envolve a incidência do estímulo, aumentando a tensão, e a ocorrência da resposta, diminuindo a tensão). Com a dinâmica psíquica, segundo a psicanálise freudiana, algo muito similar se passa: o Sistema Perceptual, localizado na extremidade inicial do instrumento psíquico, é ativado por estímulos sensoriais, elevando a tensão ou energia psíquica (que Freud denominou de “Libido” por ser energia ligada unicamente aos processos sexuais; contudo, a “sexualidade” da psicanálise é diferente daquela representada em outros meios, trata-se, sobretudo, de um corpo representado, com zonas erogenizadas durante o processo de desenvolvimento psicosexual, que busca “prazer”, este que deve ser entendido pela redução da tensão psíquica de acordo com o sistema de excitação/descarga, oposto ao “desprazer” – elevação da tensão psíquica após a afluência de um estímulo sob o organismo). Após esta ativação, a psique esforça-se para que o Sistema de Motilidade possa executar uma ação que modifique o estado interno da psique para produzir uma descarga psíquica e reduzir a tensão. Este é o princípio primário do funcionamento psíquico, que Freud denominou de “Princípio do Prazer-Desprazer”. O “desejo” é, sobretudo, a mobilização para que, sob condições de alta tensão psíquica (desprazer), haja a redução desta tensão (prazer), sendo, então, a “busca do prazer”. Contudo, o processo de civilização humana, como será visto adiante, não permite que o organismo aja apenas sob reações de descarga psíquica, realizando prazer (redução de tensão psíquica) de forma desenfreada, mas que tenha que se envolver dentro das limitações e interdições morais, assimiladas pelo indivíduo em seu processo educacional de “endoculturação” (introeção dos traços culturais de seu meio simbólico-social), que impedem a realização do prazer ou da gratificação imediatos, impondo

limites da realidade, criando uma “Censura” (embasada na consciência moral e nos valores do sujeito) e resistências psíquicas. A este segundo processo, Freud deu o nome de “Princípio da Realidade”.

O que ocorre com o dinamismo psíquico é que ele não é tão simples quanto uma relação reflexa comum, como, por exemplo, a incidência de uma luz sobre os olhos (elevando a energia) e a contração da pupila (reduzindo a energia); isto significa dizer que entre um estímulo recebido pelo Sistema Perceptual e uma resposta do Sistema de Motilidade, há processos de elaboração psíquica complexos que envolvem, especialmente, “Processos Primários” e “Processos Secundários”.

Os Processos Primários atendem ao Princípio do Prazer-Desprazer e, desta forma, ao esquema de excitação e descarga psíquica (arco-reflexo), buscando o prazer imediato através do livre escoamento da libido/energia psíquica. Contudo, os limites da realidade, especialmente de caráter moral, que envolvem o indivíduo em sua passagem do “estado de natureza” ao “estado civil” através da educação civil que recebe dentro da comunidade em que habita, conduzem a Processos Secundários que, vislumbrando as interdições que o ambiente físico e simbólico impõem, devem adiar a gratificação ou modificar o prazer, inibindo o livre escoamento da libido (Bezerra Júnior, 2013). Neste ponto, os sistemas Ics, Pcs e Cs ganham espaço na primeira tópica do aparato psíquico de Freud.

Entre o Sistema Perceptual e o de Motilidade, há instâncias ou sistemas mnêmicos que conservam fragmentos dos estímulos: o Inconsciente, o Pré-Consciente e a Consciência. Dentre eles, a instância mais arcaica e primária é o Inconsciente, origem dos traços mnêmicos que, a princípio, eram estímulos sensoriais e, posteriormente, são transformados no Sistema Inconsciente em representações, sendo denominados “representações inconscientes” (por esta razão, os estímulos psíquicos são sempre endógenos, posto que mesmo tendo origem sensorial externa, eles são convertidos em representações pelo Inconsciente). Antes de chegar à Consciência, o conteúdo psíquico que estava armazenado no Inconsciente enfrenta o impedimento da Censura e das resistências psíquicas que levam a um dispêndio de energia (libido) e a modificações dos conteúdos para chegarem ao “Pré-Consciente”. Do Pré-Consciente à Consciência não há necessidade de modificações ou investimento energético, sendo uma passagem com maior fluidez e facilidade, posto que não esbarra nas interdições da Censura e nas resistências que impedem que conteúdos “ameaçadores” psiquicamente acessem à Consciência. Pode-se dizer que o material do Pré-Consciente está “disponível” à

Consciência. Ao passo que o Pré-Consciente é entendido por Freud como o pensamento do estado de vigília por excelência, a Consciência é compreendida como o órgão sensorial perceptivo de qualidades psíquicas (Freud, 2018a). Alguns conteúdos não transpõem a Censura e as resistências para chegar ao Pré-Consciente (havendo um “conflito” entre estes dois sistemas) e tornarem-se acessíveis à Consciência, permanecendo na instância Inconsciente – fenômeno denominado “recalcamento” ou “recalque”. Os sonhos, os sintomas, os chistes e as parapraxias são oriundos deste material recalcado que permaneceu no Inconsciente, ganhando status, portanto, de vias de acesso a esse sistema (discorrerei sobre eles mais adiante).

Para Freud, o caminho ao Inconsciente passa pela “Regressão”. A Regressão é o retorno de conteúdos representados a impressões sensoriais, ou seja, à sua forma de origem (Freud, 2018a). A Regressão não é apenas “temporal” (voltando às impressões mais remotas, como aquelas da primeira infância), mas também “Tópica”, pois retorna à instância Inconsciente da psique, onde os conteúdos se formaram inicialmente, e “formal”, posto que estes conteúdos retomam sua forma original, antes de se tornarem representações.

Sendo assim, conclui-se, nesta seção inicial, que os sistemas tradicionalmente reconhecidos como os componentes da primeira topografia psíquica de Freud são, na verdade, sistemas mnêmicos intermediários localizados entre dois sistemas psíquicos extremos – o Sistema Perceptual, que recepta os estímulos, elevando a tensão psíquica, e o Sistema Motilidade, que descarrega a tensão psíquica através de um movimento de alteração do estado do aparelho psíquico. Os sistemas intermediários são o diferencial do aparelho psíquico, pois são eles que dão toda a complexidade do funcionamento da psique quando comparados a outros sistemas orgânicos que operam por reflexos sem impedimentos e com escoamento livre de energia.

Passamos, agora, ao exame de como Freud descobriu essas instâncias componentes do instrumento psíquico e como ele identificou as formas de retorno ao Inconsciente (Regressão).

Vias ao Inconsciente: os modos de Regressão

O Inconsciente, como é apontado pelo psicanalista francês pós-freudiano Jacques Lacan (2008), expressa-se em uma linguagem que comunica seus sentidos através de “tropeços” ou “vacilos”. Como vimos, o retorno ao material inconsciente foi chamado por Freud (2018a) de Regressão. Estes vacilos, tropeços ou formas de

Regressão são quatro: as parapraxias ou atos-falhos, os sintomas, os chistes e os sonhos. Vejamos cada um deles.

Parapraxias ou atos-falhos

Na conferência II das “Conferências Introdutórias à Psicanálise”, Freud (1990a) faz um alerta aos apreciadores de que ele não iniciará sua exposição com postulados sobre matérias de alta complexidade, mas sim, com um fenômeno peculiar, presente no cotidiano de todos os indivíduos, portanto, não ocorrendo somente com neuróticos, psicóticos etc: as “Parapraxias”. Na sequência, Freud argumenta que, apesar de considerar que existem fenômenos que talvez possuam maior relevância científica à compreensão do Universo e da mente humana, devemos iniciar pela investigação daqueles mais comuns, que estão “logo a nossa frente”. De uma maneira breve, podemos definir uma parapraxia como um “ato falho” ou uma “função falha”. Há vários modos de manifestação de uma parapraxia: ato falho da fala, da leitura, da escuta, extravio ou esquecimento temporário. Ao modo de parapraxia que Freud mobiliza mais atenção e atribui maior relevância é o ato falho de linguagem, em especial da fala (apesar de citar exemplos de diversos outros ocorrentes, também, na escrita).

Seguindo a conferência, Freud argumenta contra objeções a respeito de uma compreensão mais simples e relativa ao acaso das parapraxias, como a sua ocorrência devido a fatores como fadiga, excitação, ocupação com outros objetos e déficits de atenção. Entretanto, apesar de, inicialmente, concordar parcialmente com essas objeções, Freud expõe uma série de raciocínios que as desconstroem. A partir dessa desconstrução inicial, podemos compreender as parapraxias como um fenômeno mais repleto de significados do que se poderia dizer.

Freud demonstra que as parapraxias não ocorrem somente de forma inconsciente, mas que muitos literatos (inclusive Shakespeare) utilizaram delas de maneira deliberada e proposital em seus textos, fazendo com que seus personagens tivessem atos falhos de significação efusiva e, até mesmo, cômica.

Em sequência, no início da “conferência III”, Freud argumenta que já possui exemplos suficientes para corroborar a tese de que as parapraxias possuem um significado (apesar de que, em alguns casos, elas poderem ser meras disfunções ocasionais, mesmo que Freud seja resistente a essa hipótese). Ele discorre sobre o mecanismo de funcionamento de uma parapraxia. Em síntese, a parapraxia ocorre quando há duas intenções – uma perturbada consciente e outra perturbadora

inconsciente - divergentes e, algumas vezes, opostas, e, sob determinadas circunstâncias, sem que o sujeito deseje conscientemente, a falha ocorre e ele acaba expondo uma intenção que não gostaria de expor – dizemos, então, que esta intenção perturbadora inconsciente se sobrepôs à outra perturbada consciente. Freud exemplifica alguns casos em que uma expressão de cordialidade, respeito e reverência é “parapraxiada” por alguma outra de hostilidade, repugnância, indiferença ou insulto. Ao final dessa terceira conferência, Freud cita exemplos de outros modos de modos de parapraxias: perdas e extravios. Ele interpreta esses fenômenos como um desejo temporário de ausência do objeto. Por fim, enriquece a exposição com inúmeras ocasiões conhecidas por ele de parapraxias que revelaram intenções perturbadoras.

Chegando ao final das conferências sobre as parapraxias, na Conferência IV, Freud reafirma enfaticamente o valor de significado das parapraxias. Entretanto, apesar de relutar-se com a possibilidade de haver parapraxias desprovidas de significados, Freud é obrigado a aceitar que a sua opinião pode não corresponder aos fatos, sendo ele pretensioso se descartasse a hipótese que ele combate. Ele divide as parapraxias – seguindo os exemplos citados anteriormente – em três grupos. Nos dois primeiros grupos, os sujeitos que cometeram uma parapraxia assumem a intenção perturbadora e, em alguns casos, até afirmam que realmente o que foi dito era que o que queriam realmente ter dito. Porém, no terceiro grupo – sustentando por Freud com alguns exemplos – os sujeitos não aceitam a intenção perturbadora, uma vez que sua consciência moral exerce coerção em forma de censura de maneira que é inadmissível que haja a intenção perturbadora. Esse último grupo é o mais interessante à investigação psicanalítica, já que a intenção perturbadora nada mais é do que um desejo inconsciente recalçado pela Censura que pulsa por sua libertação e, de maneira constrangedora ao indivíduo, acaba por escapar em uma falha.

Os chistes

Freud inicia seu texto “Os chistes e sua relação com o Inconsciente” (1980) fazendo uma constatação sobre a importância dos chistes no desenvolvimento cultural das sociedades e sobre a relativa falta de atenção dada a esse tema por grandes autores responsáveis pela difusão do conhecimento. Logo de início, Freud começa a direcionar, através da contribuição de autores como Lipps, Fischer, Vischer etc, o que ele conceberia como um “chiste” e a sua relação com conteúdo advindo diretamente do sistema mais arcaico do aparelho psíquico humano: o Inconsciente. O chiste, em seu

caráter cômico, se aproxima a um juízo lúdico, a um estabelecimento de relações entre palavras aparentemente desconexas (“nonsenses”) e, em especial, à significação peculiar (própria da subjetividade) que o indivíduo realiza a essa relação – apesar de essa significação ser compartilhada, em razão de um fator que irei expor adiante. Além do mais, ideias que pareceriam, em um primeiro momento, contrastantes, passam a ter uma relação sobremaneira inusitada a partir de um juízo cômico realizado pelo sujeito. Uma situação sintática que, de uma maneira geral, não despertaria nenhum sentimento de humor, passa a ter comicidade semântica por tornar-se “desconcertante e reveladora”. Outro aspecto relevante para essa análise inicial dos chistes é o seu caráter de brevidade – se fosse de outra forma, então não seria um chiste. A questão fundamental a qual devemos nos ater ao debatermos o tema “os chistes e a sua relação com o Inconsciente” é: o que há de tão revelador nesses juízos cômicos?

Na sequência do texto, Freud apresenta a “técnica dos chistes”, demonstrando como relações morfossintáticas se revelam em um sentimento humorístico. Alguns exemplos são fornecidos ao longo do texto, ilustrando os jogos de palavras e sílabas realizados que dão origem a um chiste. De maneira sucinta, Freud argumenta que o caráter humorístico do chiste, apesar de depender da significação realizada pelo sujeito, não consiste em nenhum elemento externo à própria estrutura linguística; de maneira diametralmente oposta, é a própria estrutura linguística que gera no sujeito uma atribuição de significado cômico. Sendo assim, os chistes são provocativos de riso em diversos sujeitos, pois, da forma como são dispostos linguisticamente, eles já trazem em sua essência um aspecto humorístico.

Feita essa análise sobre a “técnica dos chistes”, passarei ao tópico principal de nossa discussão: a relação dos chistes com o Inconsciente. Para introduzir esse assunto, Freud inicia uma exposição sobre os sonhos. Os sonhos, de maneira genérica, são formas de “realização” figurada de desejos que não passaram pela Censura e ficaram imersos no Inconsciente. Ao processo de transformação dos “pensamentos oníricos” (material inconsciente que mantém seu sentido ocultado nos sonhos) à concretização em um sonho, Freud dá o nome de “elaboração onírica”. Tal elaboração é pautada por alguns processos psíquicos, os mais relevantes de acordo com o autor são: “condensação”, “deslocamento” e “transformação” (todos estes processos, bem como os sonhos de modo geral serão tratados mais esmiuçadamente em seções seguintes). Ao discorrer sobre a construção dos chistes, Freud atribui esses mesmos processos que, assim como na elaboração onírica, se manifestam na “concretização” de desejos

recalcados. Portanto, os chistes são manifestações indiretas (por serem transfiguradas simbolicamente através de processos como “condensação”, “deslocamento” e transformação”) de conteúdos inconscientes.

Ao fim do texto, alcançamos a resposta para a pergunta inicial. “O que há de tão revelador nos chistes?”: o próprio conteúdo do Inconsciente.

Os sintomas

Na “Conferência XVII – O sentido dos sintomas” das já mencionadas “Conferências Introdutórias à Psicanálise”, Freud (1990a) faz uma crítica à psiquiatria tradicional por considerar as apresentações sintomáticas apenas em sua exposição formal, entendendo pouco de sua etiologia. A tese que Freud defenderá, durante toda a conferência, é de que todos os sintomas, assim como os chistes e as parapraxias, possuem um sentido relacionado às vivências inconscientes do sujeito que é acometido por tais

Para sustentar sua tese, Freud aborda uma neurose chamada de “neurose obsessiva”. Esse tipo de neurose, segundo o autor:

(...) manifesta-se no fato de o paciente se ocupar de pensamentos em que realmente não está interessado, de estar cômico de impulsos dentro de si mesmo que lhe parecem muito estranhos, e de ser compelido a ações cuja realização não dá satisfação alguma, mas lhe é totalmente impossível omitir (FREUD, 1990a, p.306).

O neurótico obsessivo é atropelado por pensamentos dos quais não consegue fugir e que, a princípio, não possuem nenhum significado para si, sendo impelido a comportamentos ritualísticos despropositais que o atormentam.

Freud alerta a todos os presentes na conferência de que não basta dizer ao acometido que seus pensamentos são desprovidos de significado racional ou de que sua conduta deve ser modificada, pois ele próprio gostaria que isso ocorresse, mas não consegue controlar. Aqui vemos, pela primeira vez, através de Freud, a relação entre obsessões e compulsões, no que viria a ser catalogado, tempos depois, como “Transtorno Obsessivo-Compulsivo” nos manuais de psiquiatria.

Para evidenciar o que está tentando defender, Freud apresenta dois casos clínicos, em que a neurose obsessiva se manifesta de modo muito característico como foi descrito anteriormente. Para ambos os casos, Freud buscou no processo de análise ultrapassar a mera sintomatologia e tomar o sintoma como algo desvelador da vivência

individual, revelando aspectos inconscientes acompanhados de significados. A remissão sintomática real ocorre apenas quando o sentido do sintoma vem à tona e o paciente, não sem resistência, consegue elaborar a vivência que o sintoma vem trazer.

O sintoma, quando tratado apenas em sua superficialidade, não sendo revelado o seu sentido que embasa a sua etiologia, pode iludir o clínico e o próprio paciente com supostos desaparecimentos; contudo, ele ganha novas formas, transfigura-se e repete na vida do sujeito. Resta ao clínico, então, conseguir estabelecer uma conexão entre o sintoma e a experiência do paciente, haja visto que ele não é desproposital, e o que parecia sem sentido, adquire uma justificativa após uma análise minuciosa.

Sintomas Neuróticos e Psicóticos

Freud (1996) aborda a gênese das neuroses e das psicoses de acordo com as funções do Ego em lidar com as forças instituais ou pulsionais do Id, pelo “Princípio do Prazer”, e com as interdições e limitações do Superego. Estes componentes são esboçados na “segunda tópica do aparato psíquico”. Não é intento deste texto abordar de forma detalhada a segunda tópica, vale apenas dizer alguns elementos básicos. O Id é a instância de formação de desejos e moções arcaicos e primários no dinamismo psíquico, sendo a fonte das “Pulsões”. Segundo Lacan (2008), toda pulsão possui quatro componentes: a “fonte” (zona erógena do corpo de onde provém as pulsões, caracterizando-as como pulsões “orais”, “anais”, “fálicas” etc), “alvo” (para onde se direciona as pulsões), o objeto (representação objetual inconsciente) e o objetivo (redução da tensão psíquica, como foi levantado no início do texto segundo o entendimento psicanalítico do dinamismo psíquico). Estas pulsões buscam “Catexia” (investimento da energia libidinal) e, atendendo ao Princípio do Prazer e aos Processos Primários, requerem gratificação e o livre-investimento libidinal, contudo, o Ego, segundo componente, é submetido ao Princípio da Realidade e aos Processos Secundários, tendo de operar com as demandas do Id acordando com os limites da realidade. O Superego é herdeiro do “Complexo de Édipo”. Este Complexo é universal, ou seja, incontestante e incondicionado, não estando sujeito a variações culturais e subjetivas, atingindo todas as pessoas indistintamente em qualquer espaço ou tempo. Trata-se de uma situação do desenvolvimento psicosexual infantil em que a criança dirige sua primeira moção sexual ao genitor do sexo oposto e deseja a morte do genitor do mesmo sexo (vale ressaltar que a “morte” para a criança não possui uma

representação tão negativa como a que é formada aos adultos pela cultura; para a criança, este fenômeno é a mera ausência ou desaparecimento de alguém). Da interdição que o terceiro (genitor “rival” do mesmo sexo) simboliza à realização da pulsão sexual direcionada ao genitor do mesmo sexo, o sujeito inicia a sua inserção no campo civil, na cultura e no campo simbólico, introjetando os limites, as normas, as proibições e toda a moralidade que seu meio social impõe (Freud, 2016). É digno de nota dizer que para Lacan a origem da “estrutura psicótica” dá-se através de uma “prescrição” ou “foraclusão” desta função paterna (“o nome do pai”), posto que o sujeito, através da não introjeção das interdições, não se insere no campo simbólico-civilizado, permanecendo no registro imaginário “Real” que os sintomas psicóticos (alucinações, delírios, fantasias alucinatórias) apresentam (Lacan, 1995). E o Ego ou o “Eu”, então, deve lidar com as impulsões do Id e as proibições do Superego, ficando em uma situação mediadora e psiquicamente complexa (Freud, 1997).

A neurose surge de um conflito entre o Id e o Ego, em que os desejos e forças provindos do primeiro esbarram-se nas resistências dos impedimentos da realidade, dando origem ao recalçamento. O material recalçado, então, resiste ao mecanismo utilizado pelo Ego, apresentando-se na forma de sintoma. A psicose, por sua vez, resulta da dissociação do Ego com o mundo externo, fazendo com que o Ego crie, automaticamente, um novo mundo interno e um externo, processo oriundo, segundo o autor, de uma frustração ao Id intolerável. Dessa forma, a realidade externa é cindida ao ego – “(...) uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo” (Freud, 1996).

Ambos os fenômenos possuem patogenias semelhantes, ambos resultam de um conflito entre o Ego e o Id, contudo, ao passo que nas neuroses o Ego dispõe-se do recalçamento para lidar com a frustração, impondo forças de anti-catexia do objeto alvo da pulsão do Id, as psicoses, diante de uma frustração intolerável, fazem com que o Ego perca o contato com a realidade.

É digno de nota que, para o psicótico, os delírios, alucinações e fantasias são a sua realidade. Como Kant demonstrou, não apreendemos a “coisa em si” (Númeno), mas a “coisa como se apresenta/aparece” ao sujeito (Fenômeno) (Russell, 2013; 2015). Deste modo, podemos dizer que os ditos “sintomas psicóticos” são, na verdade, a “realidade fenomênica” do psicótico. Como toda realidade é, em profundidade, realidade interna, subjetiva e individual, posto que não alcançamos os objetos em si dentro de suas qualidades intrínsecas, ou “primárias” nas palavras de Locke (Botelho & Vecchia, 2013), então a realidade delirante e alucinatória do psicótico não perde em

nada em “valor de verdade” para a realidade dos psiconeuróticos ou dos ditos “saudáveis psiquicamente”.

Os sonhos

É chegado o momento de analisar, minuciosamente, a obra mais importante da história da psicanálise, obra que, inclusive, faz uma descrição topográfica detalhada da primeira tópica do aparato/instrumento psíquico: “A interpretação dos sonhos”.

Na primeira parte, “Parte I – A literatura científica sobre os problemas do sonho”, Freud (2018b) analisa todo o material científico dedicado ao estudo dos sonhos, até então. Ele chega, assim, às seguintes principais conclusões: a) todo sonho é, impreterivelmente, reação a uma perturbação. Eles podem ser gerados por causas fisiológicas e psicológicas, tendo como possíveis fontes: 1) excitação sensorial externa (objetiva); 2) excitação sensorial interna (subjativa); 3) estímulo corporal interno (orgânico); 4) fontes de estímulo puramente psíquicas.

A maioria dos autores parece supor que as causas da perturbação do sono – as fontes do sonhar, portanto – podem ser de múltiplas espécies e que tanto estímulos corporais quanto excitações psíquicas podem desempenhar o papel de excitadores do sonho (...) Quando a enumeração das fontes está completa, resultam finalmente quatro espécies, também empregada na classificação dos sonhos: 1) excitação sensorial externa (objetiva); 2) excitação sensorial interna (subjativa); 3) estímulo corporal interno (orgânico); 4) fontes de estímulo puramente psíquicas (FREUD, 2018b, p.37).

b) Os sonhos são como alucinações, a diferença das segundas para os primeiros é o estado de consciência (sono e vigília), expresso no ato de despertar, contudo, o caráter ilusório também está presente nos sonhos. Neles, não há coerência, os princípios lógicos, a capacidade de julgamento, a crítica, são inibidos, permitindo que ocorram impossibilidades e absurdos inimagináveis no estado de vigília.

O sonho é incoerente, une sem objeções as maiores contradições, admite incompatibilidades, deixa de lado conhecimentos importantes para nós durante o dia, nos mostra ética e moralmente estupidificados. Quem se comportasse na vigília como nas situações mostradas pelo sonho seria tomado por louco; quem falasse na vigília como no sonho ou quisesse comunicar as coisas tal como sucedem no conteúdo onírico nos daria a impressão de ser uma pessoa confusa ou imbecil (FREUD, 2018b, p.72).

c) Ao sonhar, a psique consegue adquirir capacidade de produções especiais, relacionando-se, por efeito, a uma função importante dos sonhos. Freud, ao considerar os sonhos realizações de desejos inconscientes, mediante trabalhos de figuração e simbolização (como será visto), atribui uma função aos sonhos indelével ao dinamismo psíquico.

Na “Parte II – O método de interpretação dos sonhos”, Freud (2018b) defende, desde o início, que, divergindo da teoria dominante entre os médicos, que enuncia que os sonhos possuem gênese somática e seus conteúdos são modelados por alterações fisiológicas, destituindo os sonhos de qualquer funcionalidade, intencionalidade e significância, os sonhos possuem, sim, um sentido e uma intencionalidade de comunicar significados reveladores e relevantes para a compreensão da vida psíquica do sonhador:

Foi no decorrer desses estudos psicanalíticos que topei com a interpretação dos sonhos. Os pacientes que obriguei a me comunicarem as idéias e pensamentos que lhes ocorriam a propósito de um determinado tema me narraram seus sonhos e assim me ensinaram que estes podem ser inseridos no encadeamento psíquico a ser seguido retrospectivamente na memória a partir de uma ideia patológica. Era natural tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar-lhe o método de interpretação elaborado para os sintomas (FREUD, 2018b, p.122).

Tal “método de interpretação elaborado para os sintomas” trata-se da “associação-livre”: a narração, por parte dos analisandos, de todas as ideias, representações e imagens que lhes venham à consciência, sem repreensão e sem elaboração de juízos, eliminando a crítica, deixando-os ecoar livremente na comunicação por mais imorais ou irrazoáveis que se pareçam:

Nós lhe dizemos, portanto, que o êxito da psicanálise depende de ele levar tudo em conta e comunicar o que lhe vai pela mente, sem se deixar levar a reprimir ideias porque lhe parecem sem importância ou desligadas do tema ou ainda absurdas. Ele deve se comportar de maneira inteiramente imparcial em relação a suas ideias; pois, caso não consiga encontrar a solução que busca para o sonho, a ideia obsessiva etc., a responsável por isso será justamente a crítica (FREUD, 2018b, p.122).

Freud justifica muito bem o emprego deste método. Quando o sujeito comunica tudo o que lhe vem à mente, sem repreensão e sem juízos, dissolvendo a crítica, é possível alcançar “representações espontâneas”, que são inatingíveis quando

ele julga o que dirá de acordo com a lógica, com a moralidade e com a relevância de suas palavras.

Passando à “Parte III – O sonho é uma realização de desejo”, o autor, Já tendo começado a esboçar os primeiros traços de sua teoria dos sonhos, apontando seu método de interpretação e os processos peculiares de substituição simbólica que perpassam as vivências oníricas, aponta mais uma conclusão: todo sonho é, impreterivelmente, a realização de um desejo, não importando a causa perturbadora que gerou o sonho, o seu caráter ou o grau de elaboração e complexidade do seu conteúdo e do próprio desejo realizado:

O sonho não é comparável aos sons desarmônicos de um instrumento musical atingido pelo golpe de uma força externa em vez de ser tocado pela mão do instrumentista, ele não é desprovido de sentido, não é absurdo, não pressupõe que uma parte do nosso patrimônio de representações durma enquanto outra começa a despertar. Ele é fenômeno psíquico de plena validade – mais precisamente, uma realização de desejo; ele deve ser incluído na cadeia de ações psíquicas compreensíveis da vigília, ele foi construído por uma atividade intelectual altamente complexa (FREUD, 2018b, p.143).

Chegando à “Parte IV – Distorção onírica”, sustentando a sua principal defesa de que todo sonho é a realização de um desejo, Freud (2018b) aponta que a distorção onírica faz com que os conteúdos oníricos manifestos (conscientes) pareçam ser infames, insignificantes ou absurdos (normalmente, quando assim são tratados pelo sonhador, há uma resistência deste sujeito ao desejo que busca se realizar), contudo, os conteúdos oníricos latentes ou “pensamentos oníricos” (inconscientes e descobertos apenas por interpretação/análise) expõem o desejo realizado no sonho.

Na “Parte V – O material e as fontes do sonho”, Freud argumenta em prol de quatro matérias ou fontes do sonho: o recente, o indiferente, o infantil e o somático. Pela análise dos conteúdos dos próprios sonhos, ele consegue notar que os elementos aparecidos nos sonhos são, usualmente, relacionados a eventos recentes, na grande maioria das vezes, ocorridos no dia que precede o sonho. Ademais, o sonho prefere experiências indiferentes, irrelevantes, secundárias da vida para eleger como seus materiais. No conteúdo onírico manifesto é esta irrelevância que aparece, contudo, no conteúdo onírico latente descoberto após a análise, o material adquire expressão e eminência da realização de um desejo.

Além do recente e do indiferente, é comum, através da capacidade hipnômica dos sonhos, que apareçam elementos de experiências e impressões obtidas na infância do sujeito. “Quanto mais nos aprofundamos na análise dos sonhos, tanto maior é a frequência com que somos levados a seguir os rastros de experiências infantis que desempenham um papel de fontes oníricas no conteúdo latente dos sonhos” (FREUD, 2018b, p.219).

Por fim, sobre as fontes somáticas, como visto, todo sonho é originado de uma perturbação e tem, em seu sentido mais pleno, a realização de um desejo como sua razão de existir. As fontes do sonho, tais como já dito, são: a) excitações sensoriais externas (objetivas); b) excitações sensoriais internas (subjetivas); c) estados orgânicos; d) fontes psíquicas. A “Teoria dos Estímulos Somáticos”, predominante nos campos científicos e vulgares, ao tempo que Freud escrevia esta obra, considerava apenas as três primeiras fontes e desprezava a última (fonte psíquica). Freud critica esta compreensão não por seu valor de acerto ou de equívoco, mas por sua insuficiência.

O estímulo nervoso e estímulo corporal seriam, portanto, as fontes somáticas do sonho, ou seja, de acordo com muitos autores, as únicas fontes do sonho em geral. No entanto, também já demos atenção a uma série de dúvidas que pareciam atacar não tanto a correção da teoria do estímulo somático, mas muito mais a sua suficiência (FREUD, 2018b, p.242).

A “Parte VI – O trabalho do sonho”, sem dúvidas, é uma das mais importantes desta obra. Freud objeta que todos os esforços para a elaboração de teorias do sonho, até os tempos em que começa as suas investigações, observaram apenas o conteúdo onírico manifesto dos sonhos, ao passo que o seu método cumpriu alcançar o conteúdo onírico latente dos sonhos e sua relação com o primeiro. Deste modo, faz-se necessário compreender as leis do sonho, o modo como ele opera, quais relações ele cumpre com aquilo que se manifesta explicitamente, como uma nova linguagem em que os signos manifestos guardam uma relação de representação ou substituição dos referentes que eles buscam designar.

Todas as tentativas feitas até hoje para resolver os problemas do sonho partiam diretamente do conteúdo onírico manifesto dado na memória, esforçando-se para obter a partir dele a interpretação do sonho ou, quando renunciavam a uma interpretação, para fundamentar seu juízo sobre o sonho por referência a esse conteúdo. Somos os únicos a nos defrontar com outros fatos; para nós, um novo material psíquico se introduz entre o conteúdo onírico e os resultados de nossa observação: o conteúdo onírico latente – ou os pensamentos oníricos – obtido

pelo nosso método. Foi a partir desses pensamentos, e não do conteúdo onírico manifesto, que desenvolvemos a solução do sonho. Por isso também se apresentou a nós uma nova tarefa que antes não existia, a de investigar as relações do conteúdo onírico manifesto com os pensamentos oníricos latentes e pesquisar os processos que levaram estes a se transformar naquele (FREUD, 2018b, 299).

Um dos trabalhos do sonho é a “Condensação” - no sonho, uma quantidade grande de conteúdo psíquico é reduzida a uma quantidade significativamente menor, dando a impressão de omissão. Muitas lacunas são observadas no sonho, sendo que o que é apresentado de forma explícita e manifesta é, em grandes proporções, menos volumoso, em termos de significados subjetivos, àquilo que é desvelado dos pensamentos oníricos latentes.

A primeira coisa que fica clara ao investigador quando compara o conteúdo onírico com os pensamentos oníricos é o fato de aí ter ocorrido um imenso trabalho de condensação. O sonho é curto, pobre e lacônico se comparado à extensão e à riqueza dos pensamentos oníricos (FREUD, 2018b, p.301).

O segundo trabalho do sonho é o “Deslocamento” - no sonho, os conteúdos oníricos (manifestos) que aparecem como elementos centrais não são, em qualquer instância, os conteúdos relevantes dos pensamentos oníricos (latentes), de forma que as representações que se desvelam nos primeiros são substitutas daquelas que são descobertas nos segundos.

Pudemos observar que os elementos que se destacam como componentes essenciais no conteúdo onírico de forma alguma representam o mesmo papel nos pensamentos oníricos. Como correlato disso, também se pode enunciar a tese contrária. Aquilo que evidentemente é o conteúdo essencial dos pensamentos oníricos não precisa de forma alguma aparecer no sonho. O sonho, por assim dizer, é diversamente centrado; seu conteúdo é ordenado em torno de elementos centrais diferentes dos pensamentos oníricos (FREUD, 2018b, p.328).

Outros trabalhos do sonho são a figuração e a simbolização. Quanto à primeira, Freud (2018a) também apresenta a “troca de expressões linguísticas” e a transformação de elementos abstratos em imagens como variações de recursos figurativos nos sonhos. Sobre a segunda, os símbolos apresentam-se no sonho com um significado que oculta ou substitui a representação significada. No entanto, Freud

adverte que o trabalho com a tradução de símbolos deve ser apenas um recurso secundário, o método primário é o trabalho com as palavras do sonhador.

Além dos trabalhos do sonho mencionados, há fenômenos interessantes presentes na formação do conteúdo onírico. O primeiro deles é a “repressão dos afetos”. Mais do que as representações, são os afetos os componentes principais que fazem o sonho exigir incorporação psíquica ao sujeito. Contudo, o segundo processo realizado pela censura, sendo o primeiro a “distorção onírica”, é o de “repressão dos afetos”, dissociando, nos sonhos, experiências que, em estado de vigília, despertariam afetos intensos, dos seus respectivos afetos. Também não é incomum que a censura faça a “inversão dos afetos”, convertendo-os em seu oposto. – *“A inibição dos afetos seria então o segundo resultado da censura onírica, assim como a distorção onírica foi o primeiro”* (FREUD, 2018a, p.494, grifos do autor).

Por fim, Freud encerra a seção falando sobre o quarto fator de formação dos sonhos: a “Elaboração Secundária”. Até então, Freud constatou três fatores relacionados à formação dos sonhos: a coação à condensação, a tendência a escapar da censura e a consideração pela figurabilidade. Nesta seção do texto, Freud trabalha com a hipótese de um quarto fator, configurado em uma função psíquica que possui papel na formação dos sonhos: a “elaboração secundária”. Trata-se de uma função tendenciosa à lógica, à coerência e ao sentido, criando narrativas bem construídas e, aparentemente, repletas de coerência e sentido revelados nos sonhos. Freud associa essa função às “fantasias”, comparando o conteúdo onírico forjado pela elaboração secundárias aos chamados “sonhos diurnos” em que, estando o sujeito em estado de vigília, o seu pensamento próprio deste estado, pré-consciente, elabora uma fantasia bem construída e logicamente encadeada. Há, também, a possibilidade de que essas vivências racionais dos sonhos, impulsionadas pela elaboração secundária, sejam apenas rerepresentações de fantasias ocorridas em estado de vigília, realizando um desejo, como é funcional dos sonhos, muitas vezes deslocado, substituído ou figurado, como também é essencial dos sonhos.

Na última seção da obra, a “Parte VII – Sobre a psicologia dos processos oníricos”, Freud (2018a) inicia o capítulo discorrendo sobre o fenômeno de “esquecimento dos sonhos”. Há uma sensação comum aos sonhadores de que eles sonharam muito mais do que aquilo que conseguem se lembrar, que os fragmentos de sonho que conservam na memória são, significativamente, menos volumosos do que o conteúdo onírico total. O esquecimento, além de atribuir um aspecto lacônico ao sonho, também incorre na possibilidade de adulterar o seu conteúdo. Para Freud, o

esquecimento trata-se de uma resistência psíquica ao ato de considerar e estar cômico dos conteúdos esquecidos. Deste modo, é exatamente nestes conteúdos, que podem ser recuperados pelo trabalho de trabalho de interpretação/análise, que estão os significados mais relevantes que completam o sentido do sonho.

Não é nada raro acontecer que no meio do trabalho de interpretação emergja subitamente uma parte omitida do sonho, até então considerada esquecida. Essa parte do sonho arrancada ao esquecimento é sempre a mais importante; ela se acha no caminho mais curto para a solução do sonho e por isso estava mais exposta à resistência” (FREUD, 2018a, p.546).

Sobre a realização de um desejo no sonho, Freud afirma que Freud todo desejo realizado é um desejo infantil. Apesar de, não raro, os desejos realizados parecerem desejos da vida adulta, eles estão, necessariamente, associados a um desejo infantil. Os sintomas psiconeuróticos também são realizações de desejos e, por efeito, também possuem seu sentido ligado a uma vivência psíquica inconsciente do sujeito, como Freud descreve em outros trabalhos.

De toda a investigação sobre os sonhos, podemos chegar às seguintes conclusões: 1) o sonho é um fenômeno, eminentemente, psíquico que possui suas raízes no sistema ou instância Inconsciente do aparelho psíquico; 2) sua força propulsora é a realização de um desejo inconsciente sempre associado a um desejo infantil; 3) sua formação é advinda de quatro fatores: coação à condensação, esquiva da Censura, tendência à figurabilidade (deslocamento, troca de expressões linguísticas, concretização de materiais abstratos, simbolização etc) e Elaboração Secundária; 4) a realização de um desejo inconsciente no sonho ocorre através de uma Regressão temporal aos desejos infantis, tópica ao Inconsciente e formal ao conteúdo original.

Sendo uma Regressão que opera por estes mecanismos, os sonhos são vias de acesso ao Inconsciente quando interpretados/analizados e desvelados os pensamentos oníricos latentes ou inconscientes – “*E a interpretação dos sonhos é a via régia para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica*” (FREUD, 2018a, p.636, grifos do autor).

O Inconsciente – a verdadeira realidade psíquica

Foi dito que a realidade que deve ser tomada em conta quando se analisa a psique de um sujeito é a realidade interna, subjetiva, fenomênica e individual. Acrescenta-se a essa proposta que, para a psicanálise, não são os pensamentos,

sentimentos e desejos acessíveis à Consciência que constituem a realidade psíquica. Por outro lado, é o material que, interdito pela Censura e pelas resistências psíquicas, sofreram recalçamento e, portanto, permaneceram no Inconsciente, que constituem a realidade da psique humana - “o inconsciente deve ser tomado como base universal da vida psíquica” (FREUD, 2018a, p.639). Por esta razão, o Inconsciente tornou-se o objeto principal e a razão de existir da psicanálise – todo o processo analítico cursa em sua busca.

O inconsciente é o psíquico propriamente real, tão desconhecido para nós segundo sua natureza interna quando o real do mundo externo; ele nos é dado pelos dados da consciência de maneira igualmente tão incompleta quanto o mundo externo pelas informações de nossos órgãos sensoriais (FREUD, 2018a, p.640, grifos do autor).

Foram apontadas e percorridas todas as formas descobertas pela psicanálise para acessar esses conteúdos recalçados inconscientes (parapraxias, chistes, sintomas e sonhos). De início, o método psicanalítico constituía na elucidação e no desvelamento destes conteúdos, especialmente desejos pulsionais repreendidos pela Censura que criva o acesso ao Pré-Consciente e, em processo posterior, à Consciência. Contudo, com o desenvolvimento psicanalítico, Freud notou que não bastava “iluminar” com as luzes da Consciência o material inconsciente, era necessário elaborá-lo e, para isso, o sujeito necessitaria de tempo para a elaboração (Freud, 1990b).

Considerações finais

A psique funciona de acordo com os mesmos princípios que regem outros sistemas orgânicos, no entanto, de modo mais complexo. Na extremidade inicial do instrumento psíquico, o Sistema Perceptual (P) recebe a afluência de estímulos, elevando o *quantum* de energia psíquica (libido) e, conseqüentemente, aumentando a tensão psíquica. Na extremidade final, o Sistema de Motilidade deve executar uma ação de alteração do estado psíquico interno para que este quantum libidinal seja reduzido, diminuindo, também, a tensão psíquica. Este seria o Princípio do Prazer-Desprazer (elevação e redução da tensão psíquica) e a base dos Processos Primários. Contudo, pelos fatores de o Homem ser educado em uma cultura dentro de um estado civil e, deste modo, ser um ser ético que introjeta limites, normas e leis que impedem a ação irrepreensível de realização do prazer, existem instâncias ou sistemas intermediários entre o Perceptual e o de Motilidade, são eles: o Inconsciente, o Pré-Consciente e a

Consciência. Estes sistemas intermediários possuem um funcionamento peculiar que tornou a psicanálise o que ela é hoje. Todo o material psíquico, após ser estímulo sensorial que chega ao Sistema Perceptual, é convertido em representações do primeiro sistema intermediário – o Inconsciente. Para que estas representações cheguem ao sistema intermediário central, o Pré-Consciente, elas enfrentam o crivo da Censura e dos Processos Secundários, submetidos ao Princípio da Realidade. Do Pré-Consciente à Consciência, não há necessidade de dispêndio de energia e modificações, pois as representações do primeiro estão “disponíveis” à segunda. Contudo, muitas representações do Inconsciente não passam pelo crivo da censura, não alcançando o Pré-Consciente para se tornarem acessíveis à Consciência, sofrendo recalçamento. Este material recalçado, não raro, irá se manifestar ao sujeito através de modos de regressão: parapraxias, chistes, sintomas e sonhos.

Referências

BEZERRA JÚNIOR, B. *Projeto para uma psicologia científica: Freud e as neurociências*. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

BOTELHO, O.S.; VECCHIA, R.B.D. *História da Filosofia Moderna II*. – Batatais, SP : Claretiano, 2013.

BREUER, J.; FREUD, S. (1895). *Estudos sobre a histeria*. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 15-297.

FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente [1905]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VIII.

_____. (1914). Recordar, repetir e elaborar. In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 189-203.

_____. (1914-1916). O Inconsciente – In: FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. (1917[1916-17]). Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 16. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 287-539.

_____. (1924 [1923]) Neurose e Psicose. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *O ego e o id*. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997. 68 p.

_____. *Obras completas, volume 6* : três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos (1901-1905). Tradução Paulo César de Souza. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *A interpretação dos sonhos, volume 1*. Tradução do alemão de Renato Zwick, revisão técnica e prefácio de Tania Rivera, ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

_____. *A interpretação dos sonhos, volume 2*. Tradução do alemão de Renato Zwick, revisão técnica e prefácio de Tania Rivera, ensaio bibliográfico de Paulo Endo e Edson Souza. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

LACAN, J. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; tradução M.D. MAGNO. – Rio de Janeiro : Zahar, 2008.

_____. *O Seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

NASIO, J.-D. *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. / sob a direção de J.-D. Nasio, com as contribuições de A.-M. Arcangioli... [et al.]; tradução, Vera Ribeiro; revisão, Marcos Comaru. – Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1995.

RUSSELL, B. *História do pensamento ocidental* : a aventura dos pré-socráticos a Wittgenstein.; tradução Laura Alves e Aurélio Rebello. – [Ed. especial]. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2013.

_____. *História da filosofia ocidental – Livro 3: A filosofia moderna.*; Tradução Hugo Langone – 1. ed. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2015.